

Fig.1: Henrique de Senna Fernandes, c. 1968. Arquivo da família Senna Fernandes.



Pensamentos Nostálgicos pela Mãria em Macau — O Escritor Macaense Henrique de Senna Fernandes

MIGUEL DE SENNA FERNANDES*

É tarefa árdua falar de Henrique de Senna Fernandes, despindo da sua faceta íntima e de todas as características que faz dele um comum ser humano. Ele foi pai, colega, mas acima de tudo um amigo, daqueles que deixam uma cruel saudade, numa altura em que a cultura do convívio em língua portuguesa se vê rareando, com a diminuição sem paralelo da comunidade portuguesa.

Ao aceitar elaborar a presente introdução, algo que muito me honra, tenho a consciência da responsabilidade que tal representa, tendo em conta o contexto em que será inserida e a razão de ser da mesma publicação. Não sou naturalmente um crítico literário, porém quero ser o mais objectivo possível, pondo de parte qualquer emoção que a sua evocação venha a despertar. Aqui sou mero admirador comum que olha para a obra dum autor que muito amou a sua terra, que é a minha também.

Posso dizer que descobri o escritor Henrique de Senna Fernandes, quando, pela primeira vez, li *Amor e Dedinhos de Pé*. Já tinha a mesma sensação aquando da leitura de 'A-Chan, a Tancareira', anos antes. Todavia, o romance marcou pela diferença, superou o conto em todos os aspectos, pela profundidade da narrativa e pela abordagem mais íntima e subtil de cada uma das personagens. A Macau retratada

era a de inícios do século XX, que exigiu do autor uma ginástica de reconstituição do seu contexto sócio-histórico e da respectiva interacção humana. A admiração pela sua qualidade lírica nasceu daí, onde cada parágrafo é testemunho sobre um rico mundo desconhecido, escrito por quem eu privava todos os dias, sem no entanto imaginar que ele me pudesse levar a sítios onde logrou conduzir-me.

Ponho-me então a cogitar, se tivesse que o redescobrir, em breves notas, por onde começaria.

E a resposta não podia ser outra senão pela terra que o criou.

MACAU, A MÁTRIA

Macau foi sempre aquele minúsculo território, praticamente, invisível no mapa da imensa China. Se houve tempo na história em que tivesse adquirido alguma importância económica, senão mesmo estratégica nas relações entre o Oriente e o Ocidente, Macau conheceu o seu declínio progressivo, que se acentuou com a fundação de Hong Kong, em meados do século XIX.

A Macau que criou Henrique de Senna Fernandes não foi, assim, aquela grande metrópole de realização de sonhos, de sucesso profissional e de inovação empresarial. Quando regressara em 1954, a

* Miguel de Senna Fernandes, formou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa em Lisboa. Actualmente exerce advocacia em Macau. É co-fundador do grupo de Teatro em Patuá 'Dóci Papiçám di Macau'.

Miguel de Senna Fernandes, graduate in Law at the Catholic University of Portugal, is currently a lawyer in Macao. He is also co-founder of the Theatre group in Patuá 'Dóci Papiçám di Macau'.

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

cidade ainda se recuperava do estigma da Guerra do Pacífico, com uma economia fragilizada, em lenta recomposição, num território de dimensões reduzidas, sem recursos naturais que a sustentassem. Macau não era chamariz para ninguém. Muitos partiram para outras partes do mundo, a maioria dos refugiados da guerra provenientes de Xangai, ou emigraram para os Estados Unidos da América, para o Canadá ou Austrália, ou se fixaram em Hong Kong, onde se renovavam oportunidades que a paz mundial oferecia. Seguramente, Macau não alimentava sonhos de ninguém.

Sem embargo, se a guerra deixou cicatrizes indelévels na vida de cada um, a gente de Macau, ou pelo menos aquela que aqui permaneceu, conservou a sua doçura e facilidade no trato. A cidade recuperara a sua pequenez, é certo, mas voltou também a sua calma e a brandura dos seus costumes. Havia mais tempo para as coisas triviais da vida. As pessoas conheciam-se, e nada era segredo para ninguém, Macau recuperara a sua faceta de cidade pequena de vivências múltiplas, onde costumes e modos de vida se mesclavam com grande facilidade. Se o relógio voltara a andar mais devagar, a vida tornou-se mais leve, longe das vicissitudes e complexidade própria das grandes cidades.

Confesso que nunca entendi o que fizera Henrique retornar, quando em Coimbra, após o seu estágio em advocacia, já tinha como certo o seu ingresso no escritório forense do seu patrono. Além do mais, namorava uma moça, ao que se sabia, filha de um escrivão de direito, com a qual fez planos de uma vida a dois. Tudo levava a crer que pelas terras lusas Henrique se estabeleceria, a fazer vida pacata e estável.

Não obstante, o Oriente manteve-se sempre como uma chama ardente que o acompanhara na sua caminhada pela vida académica. De facto, quem é do Oriente dificilmente se livra das amarras emocionais que ele cria, por mais se queira esquecê-lo. É quem em Macau teve a experiência de poder viver à ocidental,

mantendo todos os gostos, requintes e fraquezas próprias do mundo oriental, numa dupla vida de total complementaridade, só com um esforço hercúleo poderá enterrá-la. E porque haveria de o fazer? 'A-Chan, a Tancareira' que lhe dera o Prémio Fialho de Almeida dos Jogos Florais da Queima das Fitas de 1950 da Universidade de Coimbra, não foi mais que a manifestação de uma excruciante saudade por este mundo que só ele conhecia e entendia, nessa Coimbra que não o prendeu.

Estou convencido de que este seu primeiro conto publicado, escrito enquanto ainda estudante, foi um presságio de um possível regresso a Macau, como se cumpriu naturalmente. Coimbra foi uma importante etapa na sua vida, onde pôde crescer intelectualmente, apurar a sua sensibilidade pelas coisas mais simples, mas por sinal, mais complexas da vida, adquirir uma visão mais ampla do mundo, ainda que a cidade dos estudantes não passasse, na verdade, de uma terra conservadora num país fechado. Mas o seu destino estava fora dela, por mais saudade pudesse aí ter deixado.

É nesta insignificante e anã terra, encrustada na grande China, despida de recursos naturais, de meios humanos qualificados, desdenhada por muitos, que Henrique encontra a sua '*alma mater*', a sua escola de formação como contador de histórias, romancista, como arauto da alma de Macau, cidade que hoje reclama em alto e bom tom, o seu papel de plataforma da multiculturalidade.

De volta a Macau, confirmou o que desde pequeno se habituara a ver: a coexistência de culturas compartimentadas, díspares quer na sua origem, quer no seu percurso, quer ainda no seu sentido de existência. Porém, desta vez, toma consciência de que é esta disparidade a verdadeira musa da sua obra, onde Macau é fielmente retratada como uma terra de contrastes e contradições, onde o acaso espreita e inspira pensamentos e imagens, tão bem explorados nas linhas com que cose os seus contos. Dizia ele, e

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

bem, que não existe em parte alguma, outra Macau como a que conheceu e viveu. De facto, como explicar quatrocentos e mais anos de existência cultural paralela, de gentes de formação e de código de valores tão contrastantes, cada uma no seu conservadorismo e de bons costumes, sem qualquer conflito digno de registo, nem sobreposição de uma sobre a outra? Que lógica — se é que ela existe — se esconde neste longínquo percurso a dois, cada um evoluindo por si, mas que se reencontram naturalmente, sem pasmo, nem surpresa?

No seu vocabulário aparecem expressões como 'cidade chinesa' e 'cidade cristã', a dualidade em que Macau se manifesta, no entanto, sem que uma subsista na ausência da outra, e são elas, ou o seu contraste, que deram fruto a figuras, personagens, situações, enredos, dramas existenciais, tão únicos na obra do autor. O drama em 'A-Chan' ou na *Trança Feiticeira*, por exemplo, não despertaria especial interesse, não fosse o contraste cultural e vivencial dos seus protagonistas — o esbelto Manuel e a 'feia' tancareira, ou então o janota Adozindo e a descalça A-Leng. *Chico-Pé-Fêde* teria sido um mero filho mimado de gente rica caído em desgraça, não fosse a provação humilhante por que passara na cidade chinesa, no enredo de *Amor e Dedinhos de Pé*. Também não teria sido mais do que um mero passeio de barco no conto 'Um Passeio ao Largo da Praia Grande', não fosse a diferença de posição social entre o Conde de Senna Fernandes (o Avô-Conde) e o pirata (chinês) que se dizia 'irmão e escravo' daquele.

Ler Henrique de Senna Fernandes é fazer uma viagem por essa Macau de contrastes, onde a diferença encontra sempre uma forma de harmonização. É constatação de que não é líquido o conceito que aparentemente se faz de Macau, onde tudo parece tão fácil à vista incauta, tão previsível e resumível.

Mas também uma Macau conservadora e patriarcal, de bons costumes passados a pente fino, de um lado, por uma sociedade católica sentenciadora,

e do outro, por uma sociedade de tradição budista e taoista, hierarquizada segundo cânones confucianos, ambas onde a excomunhão social é o castigo máximo para todo o prevaricador.

É este o seu domínio de criação, onde, na beleza da sua narrativa, até a crueldade, a falsa moral, a miséria humana têm estatuto ímpar. E é neste mundo que nasce a Mulher em Henrique de Senna Fernandes, a figura central na sua obra, a segunda nota que quero deixar nesta introdução.

A MULHER, A MÃE DO HOMEM

A 'mulher' em Senna Fernandes é naturalmente bela, minuciada com a ternura de quem a aprecia até o ínfimo pormenor. Ela pode não corresponder à comum noção de beldade de cada tempo, até porque ... é 'feia' em 'A-Chan, a Tancareira' ou esguia que nem um 'varapau-de-osso' em *Amor e Dedinhos de Pé*; ou então uma mera 'criaçám' sem estatuto de gente em *Os Dores*. Porém, é com denunciado carinho que é retratada, sobretudo em privado, no seu íntimo, fora das luzes da ribalta, algo que seguramente não possui com facilidade. A imagem não podia ser outra que não a de subtil e sedutor encanto no seu ideário.

Contudo, como já tive oportunidade de dizer, esta 'mulher' não está num pedestal, não é idolatrada, não tem vida fácil. Na narrativa de Senna Fernandes, a heroína vive num mundo secundário, onde impera uma miríade de constrangimentos, fruto de um patriarcado preconceituado e fechado sobre si, como disse atrás. Nele, o seu protagonismo é sempre minimizado, senão ridicularizado, no início, até porque não é 'bem vista' na vida em ambas as 'cidades'. As provações por que atravessa são desumanas e aí Senna Fernandes não lhe dá trégua, antes lança-a às feras que lhe dilaceram o coração e a honra de se ser pessoa, de se ser mulher.

O nosso herói, pelo contrário, é o arquétipo do homem bem-sucedido em variadíssimos aspectos, ele, sim, o *dashing boy*, o menino bonito e inteligente, admirado por todos, quer na cama, quer fora dela,

COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE HENRIQUE DE SENNA FERNANDES

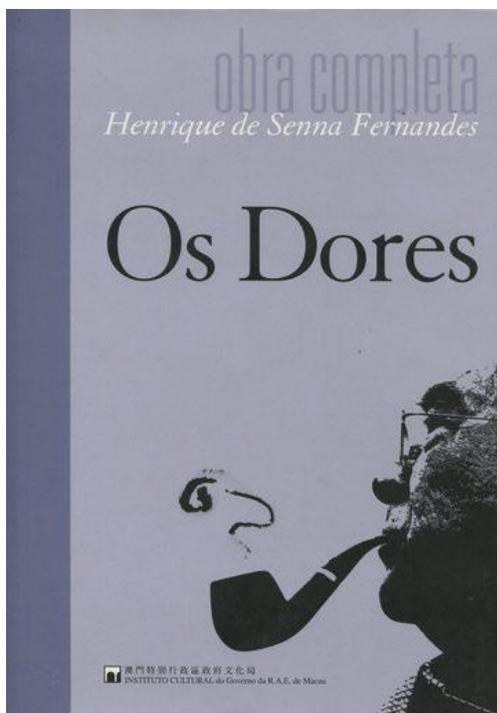


Fig. 2: Henrique de Senna Fernandes. *Os Dores*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2012.

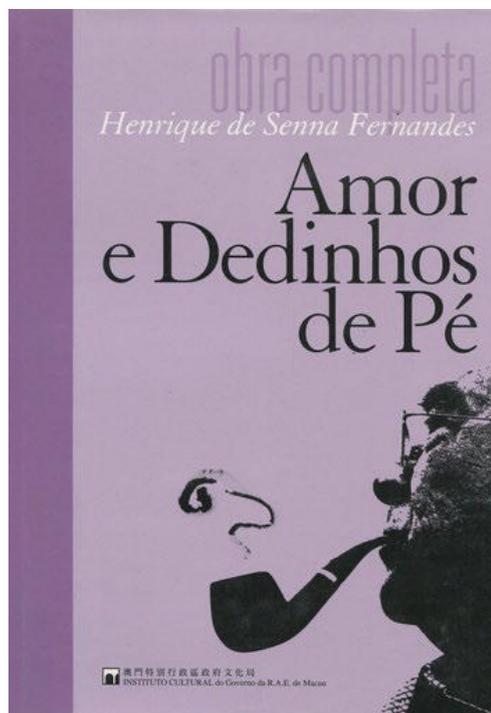


Fig. 3: Henrique de Senna Fernandes. *Amor e Dedinhos de Pé*. 5.ª ed. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2012.



Fig. 4: Henrique de Senna Fernandes. *A Trança Feiticeira*. 3.ª ed. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2015.

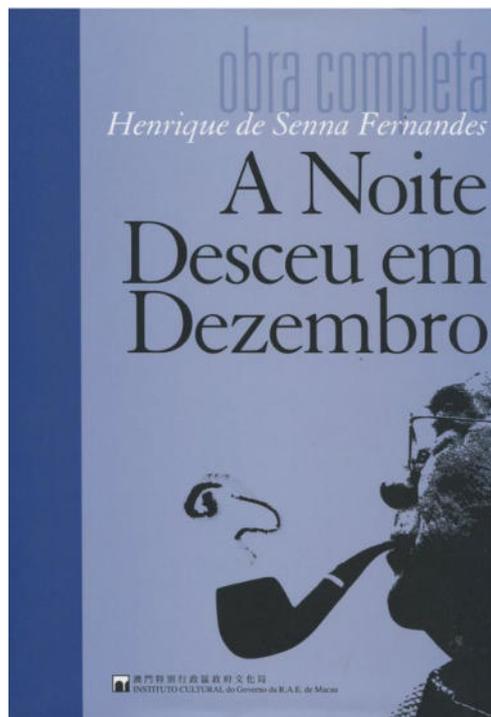


Fig. 5: Henrique de Senna Fernandes. *A Noite Desceu em Dezembro*. Macau: Instituto Cultural do Governo da R.A.E. de Macau, 2015.

CENTENARY COMMEMORATION OF HENRIQUE DE SENNA FERNANDES'S BIRTH

enxameado de mulheres, invejado pelos seus pares que não têm a mesma sorte em protagonismo. Numa palavra, um Adónis humano para a paixão do feminino e irritação do masculino.

Não se pense, no entanto, que se trate de uma atitude misógina do autor. Muito ao invés, Henrique foi sempre um cavalheiro na sua escrita, no que se reporta às suas personagens femininas. Porém, a maldade, por vezes sádica, infligida à sua 'mulher', torna a narrativa mais dramática e, ironicamente, torna-a ainda mais deslumbrante, num misto de desafio e enlevo, sobretudo quando é ela que afinal ampara o 'homem' na sua brutal e inevitável queda. É ela que resgata a sua honra, recupera a sua masculinidade, renova-lhe a face e dá-lhe novo sentido de vida. E neste contraste de papéis sociais, Henrique de Senna Fernandes vem dizer-nos o que recusamos a aceitar: se na sociedade é comum dar-se cara ao 'homem', porém em casa, por baixo dos lençóis, no calor do leito, os papéis invertem-se. Curiosamente, por que teria Henrique de Senna Fernandes chamado Macau a sua 'Mátria'? A sua Macau não teria sido afinal uma 'mulher' e do seu ventre (re)nasceria o 'homem'? Quem sabe, uma ironia subtil à Génese da Bíblia.

Uma vez cheguei a dizer que a 'mulher' é o eixo da sua obra. Provavelmente é mais do que isto, pois ainda que na penumbra ela enfeitiça e a sua fragrância, ainda que meramente espiritual, torna o conto, a narração e o parágrafo mais doce, sublime e viciante.

Julgo que as duas notas nos dão uma ideia mais que geral sobre o mundo deste autor macaense, mas não gostaria de terminar sem a seguinte consideração.

Henrique de Senna Fernandes quis sempre ser lembrado como escritor português de Macau. Como homem de letras, português foi a sua língua materna e nesta língua expressou a sua alma, desenvolveu o seu talento e deu a conhecer a sua pessoa. Não podia ter sido de outra forma, mesmo que Portugal, praticamente, o desconheça ou tenha dificuldades em reconhecê-lo como escritor português. Ler a sua obra é testemunhar o sucesso da língua, nestas paragens do mundo, onde a vida do dia-a-dia nada tem a ver com Portugal. (D)escrevendo Macau e as suas gentes, com alma enraizada nesta terra, Senna Fernandes demonstrou como é importante manter a singularidade deste pequeno grande mundo, através de uma língua que, Camões, Pessoa, Pessanha, Amado, e tantos outros tornaram nobre e livre de fronteiras. **RC**